

Brasil Econômico

www.brasileconomico.com.br
mobile.brasileconomico.com.br

SEGUNDA-FEIRA, 5 DE DEZEMBRO, 2011
ANO 3 | Nº 571 | R\$ 2,00

PUBLISHER RICARDO GALUPPO
DIRETOR JOAQUIM CASTANHEIRA

DIRETOR ADJUNTO COSTÁBILE NICOLETTA
DIRETOR ADJUNTO (RJ) RAMIRO ALVES

ESPECIAL CAMPEONATO BRASILEIRO

Emocionante até o último jogo – que deu o título ao Corinthians –, o Brasileirão mostra que tem potencial para movimentar grande volume de receitas, mas ainda perde feio para os torneios europeus. ➔ P4



Alan Moricir/Ag. O Dia

Máquina de Vendas tem R\$ 200 mi para aquisições no Sul do país

Uma das maiores redes de varejo de eletroeletrônicos do mercado brasileiro está à procura de oportunidades na única região do país onde não está presente; dinheiro para expansão virá do próprio caixa da companhia. ➔ P18

Danilo Verpa/Folhapress

“Todo governo tem pacto com o diabo”

Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, analisa o momento econômico, fala de alianças políticas e questiona a “falta de autonomia do BC”. ➔ P8



Itaú vai disputar seguro rural com BB

Maior banco privado leva para o campo a disputa com a maior instituição financeira do país e que também é líder em cobertura de safras. ➔ P26

PIB volta a crescer no 4º trimestre

Medidas de estímulo ao consumo e ao crédito anunciadas recentemente pelo governo vão dar novo impulso à economia brasileira no fim do ano. ➔ P10

Empresas pedem mais tempo para publicar balanço

Companhias abertas querem que CVM recue na decisão de reduzir de 45 para 30 dias prazo para balanços trimestrais. ➔ P28

Itália planeja economizar € 20 bilhões

Pacote de socorro à economia, lançado pela Itália, deve subir impostos e a idade para aposentadoria ➔ P32

Silvio Santos chama Barclays para vender Jequiti

Em meio a mais uma reestruturação do grupo, empresário contrata o banco para passar adiante sua empresa de cosméticos. ➔ P19

INDICADORES 2.11.2011

TAXAS DE CÂMBIO	COMPRA	VENDA
▼ Dólar comercial (R\$/US\$)	1,7860	1,7880
▼ Euro (R\$/€)	2,4038	2,4049
JUROS	META	EFETIVA
■ Selic (ao ano)	11,00%	10,90%
BOLSAS	VAR. %	ÍNDICES
▼ Bovespa - São Paulo	-0,44	57.885,85
▼ Dow Jones - Nova York	-0,01	12.019,42
▲ FTSE 100 - Londres	1,15	5.552,29

Começa a corrida por uma apólice de US\$ 95 bi

Seguradoras preparam o arsenal de propostas e argumentos para brigar pela cobertura dos ativos da Petrobras. A apólice, hoje nas mãos de Itaú, Allianz e Mapfre, vence em 2012 e será objetivo de licitação. ➔ P27

Fly Business

COLT AVIATION

+55 11 86847779

+55 21 38147688

@coltaviation

www.coltaviation.com.br

“Todo governo tem um pacto com o diabo”

Trocas de favores e decisões com custo elevado em prol do bem maior são dilemas da economia moderna, diz Gustavo Franco

Elaine Cotta
ecotta@brasileconomico.com.br

Acordos políticos com ex-inimigos em prol da governabilidade, arrochos fiscais que causam desemprego para se chegar ao controle da inflação ou a destruição de florestas em busca do desenvolvimento econômico. Todas são escolhas semelhantes às de Fausto, o homem da lenda alemã que fez um pacto com o demônio para obter poder e que, no fim, ganhou os céus como recompensa por seus feitos. “Todo governo está permanentemente negociando, fazendo escolhas”, diz o economista e ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco ao traçar paralelos entre a lenda e o desenvolvimento econômico, em especial o brasileiro. “A ideia do pacto de Fausto é uma junta permanente para qualquer governo, que está sempre às voltas com instrumentos para se chegar ao progresso”, disse ao **Brasil Econômico** ao comentar sua participação — ele escreve o prefácio e posfácio — no livro de Hans Christoph Biswanger, *Dinheiro e Magia - Uma crítica da economia moderna à luz de Fausto de Goethe*, já nas livrarias e que será tema de aula-debate de Franco na Casa do Saber, hoje à noite em São Paulo.

E o diabo com isso?

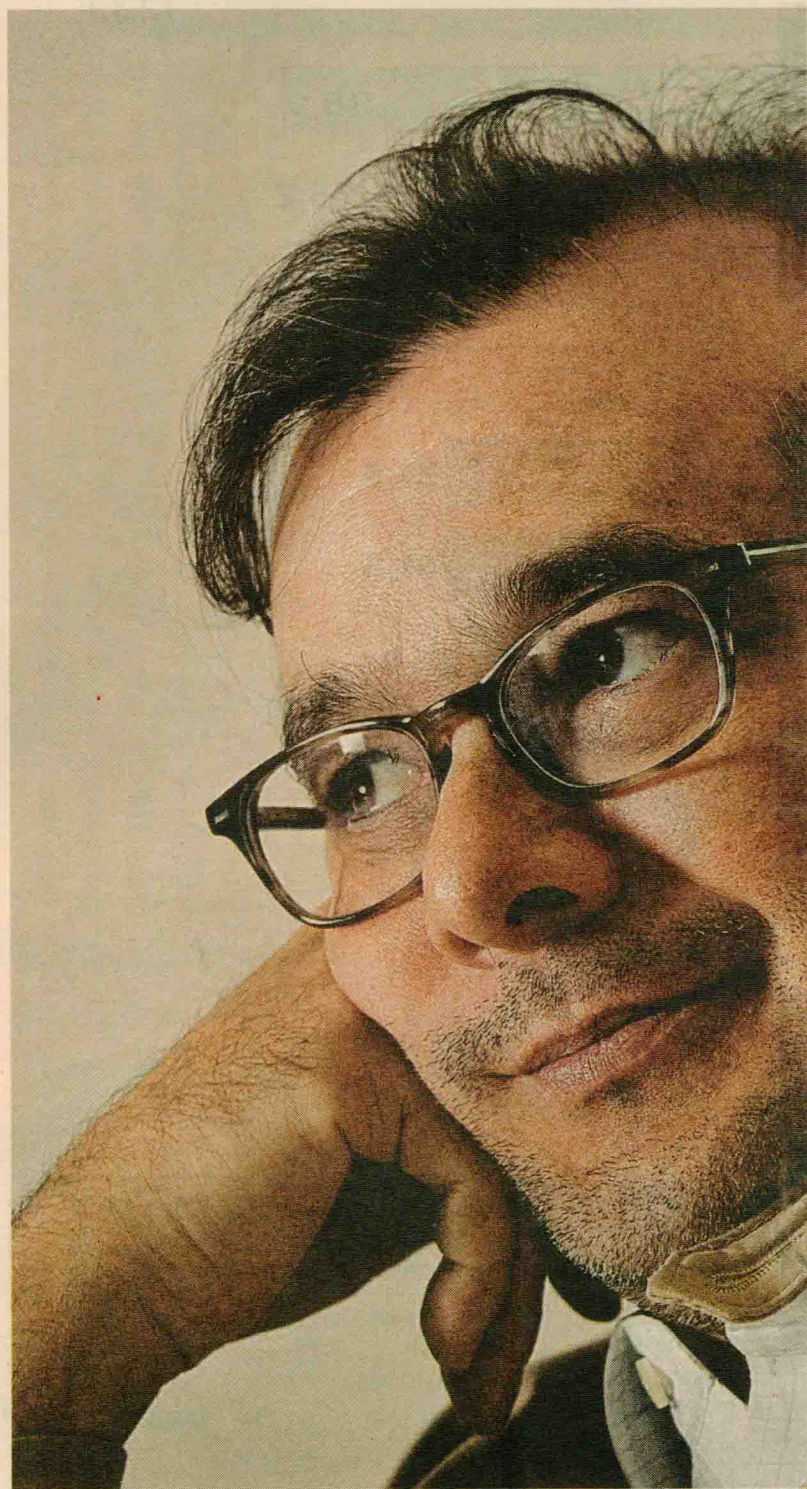
No livro, que analisa a economia da segunda parte do clássico da literatura escrito por Goethe, Fausto é visto como um empreendedor e realizador e Mefisto, ou o demônio, apenas como detentor de uma tecnologia — foi ele, na história, quem criou o papel-moeda e junto com ele a inflação. “A noção relativa entre o bem e o mal reflete um universo de valores adaptados à moderna economia na qual Fausto se destaca como empreendedor — e é isso que o leva aos céus”, escreve Biswanger. Para Gustavo Franco a mensa-

“**A gente tolera até a corrupção. O político que rouba mas faz é exaltado. A gente aceita porque ele é carismático e a economia vai bem. Não nos importamos com os meios desde que os fins sejam atingidos**”

Gustavo Franco
Economista

gem da tragédia não é louvar o comportamento do Fausto, mas sim mostrar que o homem que realiza acaba sendo compensado pela comunidade onde vive a despeito do preço ou das barbaridades cometidas por ele em prol de suas realizações. E isso, vale para os governos.

“A tragédia do desenvolvimento brasileiro não tem a ver com os quadrantes ideológicos da corrupção e do mal”, escreve Franco, lembrando que o sucesso econômico absolveu colonizadores, escravocratas e — mais recentemente — os responsáveis pela desigualdade e pela hiperinflação. “É um belo retrato: os governantes, tentando buscar um nível mais alto de progresso têm sempre que negociar com as forças do mal. De alguma maneira isso representa o custo do progresso, pessoal ou social”, diz, enfatizando que trata-se de um pacto com demônio — que neste caso para longe da conotação religiosa. Afinal, Goethe — quem originou toda essa discussão — era ateu. ■



EMBATES, DEBATES E ACORDOS

Fotos: divulgação



Lula X Collor: da baixaria na TV ao palanque

Em 2009, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em discurso em Alagoas, agradeceu e elogiou o então senador Fernando Collor; seu aliado no Congresso e membro da base governista. Vinte anos antes, os dois se enfrentaram numa disputa presidencial marcada por baixarias.

Lula Marques/Folhapress



FHC e ACM: de aliado a inimigo no Congresso

Antonio Carlos Magalhães (morto em 2007) foi um dos principais cabos eleitorais do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso até que, ao ser obrigado a renunciar ao mandato de senador, em 2001, ACM rebateu a falta de apoio acusando FHC de ser conivente com a corrupção.

Franco: o tamanho dos governos e o custo do progresso são enormes



“Influência política enfraquece o BC e tira a sua autonomia”

As decisões de reduzir a taxa básica de juros – hoje em 11% o ano – apesar de a inflação ainda estar em alta e fora da meta são criticadas por Franco

Gustavo Franco foi um dos idealizadores do Plano Real, é professor de Economia e sócio fundador da Rio Bravo Investimentos. Mas nesta entrevista, ele fala como ex-presidente do Banco Central, que vê a inflação como tributo disfarçado que incide especialmente na renda dos mais pobres, causando desigualdades e que, justamente por isso, tem de ser combatida. Ao citar Fausto (leia ao lado), ele lembra que no Brasil a inflação é historicamente tolerada em prol de um bem considerado maior: o desenvolvimento. “E isso não é bom”, diz, ao analisar ações recentes do Banco Central.

O Sr. concorda com os cortes de juros apesar de a inflação ainda estar fora da meta?

É inegável que nos últimos anos o regime de metas foi enfraquecido, ainda que o jeitão da economia internacional e o desaquecimento economia brasileira podem ter dado lógica ao processo de redução dos juros. A sensação que ficou foi de que

“

Há uma combinação de política monetária numa versão expansionista e um controle fiscal adotado junto com medidas estímulo do consumo. Isso nos faz crer que estamos provocando inflação

houve influência política clara na decisão e que isso enfraqueceu o regime de metas e a autonomia do Banco Central.

Isso não justificaria a queda?

O que a gente vê agora é uma combinação de política monetária numa versão expansionista e um controle fiscal que é quase mais expansionista que contractionista, adotado junto com medidas pontuais de estímulo da economia e do consumo como as da semana passada. E isso tudo nos faz crer que estamos provocando inflação.

Há quem defenda inflação em troca de crescimento maior...

A inflação é uma tributação disfarçada que incide especialmente nos mais pobres produzindo desigualdade e que a gente tolera em nome de um bem maior que é o desenvolvimento. A gente tolera até a corrupção, o político que rouba mas faz. Ele é simpático, carismático e a economia vai bem, então pouco importa se ele é ladrão. Nós, como sociedade, não estamos nos importando com os meios, desde que os fins sejam atingidos. E isso não é uma exclusividade brasileira.

Os fins justificam os meios?

O mundo moderno tem essa característica. O que homem que realiza acaba sendo recompensado. A sociedade perdoa. É como Fausto que foi para o céu apesar de ter feito um pacto com o demônio.

Isso vale para os governos?

Sim. A ideia do pacto (com o demônio) de Fausto é permanente para qualquer governo, que está sempre às voltas com medidas que precisam ser adotadas para se chegar ao progresso.

Ou seja, todo governos tem, de certa maneira, um pacto com o diabo?

Sim, é claro que tem. ■ E.C.

Sérgio Borges



Da eleição de 1989 ao impeachment de 1992

Em 1990, em busca de apoio para a construção dos Cieps, o então governador do Rio, **Leonal Brizola**, se aproximou de Collor depois de tê-lo enfrentado na disputa presidencial de 1989. Mas isso lhe rendeu grande desgaste político: Brizola apoiou o impeachment, em 1992.

Crédito de foto



Prestes X Vargas: a política está acima de tudo

Luís Carlos Prestes, em gesto surpreendente, apoiou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em 1950: “não posso colocar dramas pessoais acima dos interesses do partido.” Anos antes, Getúlio enviara a esposa de Prestes, Olga Benário, grávida, a uma câmara de gás nazista.